

VEDANTA - SUA TEORIA E PRÁTICA

Swami Saradananda¹



Swami Saradananda

(Tradução do livreto “*The-Vedanta – its Theory & Practice*”, editado por *Udbodhan Office – Calcutta*)

NOTA DO EDITOR [original]

As páginas a seguir são uma reprodução de uma palestra proferida pelo Swami Saradananda para um público norte-americano. Espera-se que este pequeno livro seja útil àqueles que desejam conhecer, em linhas gerais, os fundamentos da Vedanta e suas implicações no atual estado do pensamento religioso e filosófico mundial.

Fevereiro de 1928.

¹ Swami Saradananda (1865-1927) foi um discípulo direto de Sri Ramakrishna e o primeiro secretário da Ordem Ramakrishna, cargo ocupado até seu falecimento. Autor do clássico em Bengali *Sri Sri Ramakrishna Lilaprasanga*, traduzido para o inglês como *Sri Ramakrishna The Great Master*.

Vedanta

Sua Teoria e Prática

Nosso assunto esta noite é a filosofia Vedanta e sua aplicação à vida do homem. Este elevado sistema de filosofia foi desenvolvido na Índia há milhares de anos, mas é difícil determinar a data precisa em que foi primeiramente elaborado. Encontramos sua existência muito antes do Budhismo e muito antes da época do *Ramayana* e do *Mahabharata*, as duas grandes epopeias pré-budhistas da Índia. Examinando todas as diferentes religiões e seitas que existem na Índia, descobrimos que os princípios da Vedanta fundamentam cada uma delas. Mais ainda, os *Rishis* ou videntes do pensamento, os pais da Vedanta, afirmam que seus princípios fundamentam todas as diferentes religiões que existem na face da Terra e todas as que virão no futuro. O objetivo para o qual a Vedanta aponta é o objetivo ao qual todas as religiões, todas as sociedades, toda a humanidade estão correndo, consciente ou inconscientemente, através do processo de evolução.

Uma grande peculiaridade desta filosofia é que ela não foi construída em torno de uma única pessoa ou profeta. Ela se fundamenta na “parte final ou na porção do conhecimento dos *Vedas*”, como o próprio termo Vedanta indica. A palavra *Veda*, derivada da raiz sânscrita *vid* (saber), significa, de acordo com o mais antigo comentarista hindu, todo o conhecimento suprasensorial que foi revelado ao homem até o presente e o que ainda será no futuro. E aos livros que guardaram o registro desse conhecimento, o termo *Vedas* foi posteriormente aplicado. O comentarista védico prossegue dizendo que esse conhecimento supra sensorial pode ser revelado não apenas aos hindus, mas também a outros povos, e suas experiências devem ser consideradas como parte dos Vedas. Os Vedas foram divididos em duas grandes partes: “a porção do trabalho” (*Karma-Kanda*), que ensina o homem a, por meio do cumprimento do dever, da observância da moralidade e de outros atos, alcançar o céu — um lugar melhor de gozo — e “a porção do conhecimento” (*Jnana-Kanda*), que o ensina que nem mesmo os prazeres do céu devem ser seu objetivo, pois eles também são passageiros e transitórios, mas sim ir além de toda relatividade e encontrar em si mesmo o Divino, o centro de todo conhecimento e poder. Claro, levou eras para a mente hindu desenvolver esse sistema de filosofia.

Falando de filosofia, devemos sempre ter em mente que ela nunca se opôs à religião na Índia. Ambas sempre caminharam lado a lado. E a religião, para apelar ao homem como um todo, deve falar não apenas ao seu coração, mas também ao seu intelecto — e, portanto, deve ter uma base metafísica sólida. Pois o homem não é um ser composto, uma combinação de razão, emoção e vontade? Poderia qualquer religião o satisfazer se não preenchesse todas as suas mais altas aspirações nesses campos?

O avanço acelerado da ciência e as maravilhosas descobertas que ela faz a cada dia, por meio do estudo do mundo externo e material, está causando terror no coração de muitos. Eles parecem acreditar que o fundamento da religião está sendo minado dia após dia, e toda a estrutura social construída sobre essa base está em perigo

iminente. Mas os videntes antigos, que, através de seu estudo do mundo interno, encontraram a base da religião, da moralidade, do dever e, em suma, de tudo naquela Unidade que forma o pano de fundo deste universo, aquele oceano de Conhecimento e Bem-Aventura Absoluta, do qual o universo surgiu —, se estivessem aqui hoje, teriam se alegrado em ver que, em vez de minar, a ciência está tornando a base da religião mais sólida do que nunca, pois está avançando rapidamente em direção ao mesmo objetivo, à mesma Unidade. E assim deve ser; pois não é o universo um todo interligado? A divisão entre externo e interno não é arbitrária? Podemos sequer conhecer o externo por si mesmo? Além disso, falamos das leis naturais que governam o externo — mas seriam as leis algo além do método ou maneira pela qual nossa mente conecta uma série de fenômenos? Este universo, segundo a Vedanta, é uma massa interligada. Comece pelo externo, e você chegará ao interno — e vice-versa. Ele emergiu do oceano infinito de Conhecimento e Bem-Aventura e a ele retornará novamente. Está em constante evolução e involução desde toda a eternidade. Visto como uma unidade, ele não pode ter mudança ou movimento. É perfeito, e toda transformação ocorre dentro dele. Pois mudança e movimento só são possíveis quando há comparação, e esta só pode ser feita entre duas ou mais coisas. Além disso, essa cadeia de evolução e involução, de manifestação e retorno ao não-manifesto (ou à forma semente da natureza), não pode ter um começo no tempo. Admitir um início seria admitir o início do Criador — e não apenas isso, mas que Ele seria um Criador cruel e parcial, que produziu todas essas diversidades desde o princípio. Surge então outra dificuldade: o Criador, a causa primeira, teria sido aperfeiçoado ou imperfeito por causa da criação. Portanto, segundo a Vedanta, a criação é tão eterna quanto o próprio Criador — apenas às vezes permanece num estado manifesto e às vezes num não-manifesto. Qual é, então, o propósito, a motivação desta criação, deste fluxo eterno de evolução e involução? A resposta que a Vedanta dá é que se trata de um jogo do Infinito. Você não pode atribuir qualquer motivo ao Perfeito, ao Absoluto, sem torná-lo imperfeito. O Infinito, o Perfeito, não pode ter motivo que o force a criar. O Infinito deve ser absolutamente livre e independente, e a própria concepção do finito, do relativo, implica a existência do Absoluto. O Absoluto é a única existência, e o universo é apenas uma partícula naquele oceano infinito de Conhecimento e Bem-aventurança. Ele está jogando consigo mesmo e projetando este mundo de fenômenos. Ele aparece através de todas essas máscaras de imperfeição e, ao mesmo tempo, permanece uno e perfeito em todo o esplendor e glória. “Ele vibra e não vibra, Ele está longe e está perto; Ele está dentro de tudo e fora de todo este mundo de fenômenos.” “Assim como a aranha tece sua teia e a recolhe, como os cabelos crescem na cabeça de um homem (sem qualquer esforço), assim este universo emerge daquele oceano infinito de Conhecimento e Bem-aventurança e a Ele retorna novamente.”

A ciência, ao traçar a evolução até sua causa, chegou às leis da sobrevivência do mais apto e da seleção sexual para explicar a mudança de uma espécie para outra. A Vedanta concorda com ela quanto à verdade da evolução, mas difere na medida em que afirma que a causa da mudança de uma espécie para outra é a luta do Divino

dentro de cada forma, para manifestar-se cada vez melhor. Como um de nossos grandes filósofos disse, no caso da irrigação de um campo, onde o tanque está colocado em um nível mais alto, a água está sempre tentando correr para o campo, mas é barrada por um portão. Quando o portão é aberto, a água irá fluir por sua própria natureza. Esta luta do Divino produziu ou evoluiu formas cada vez mais elevadas, até chegar à forma humana. Ela continua ainda e só será completada quando o Divino se manifestar perfeitamente, sem quaisquer barreiras ou obstáculos que impeçam Sua expressão. Este ponto mais elevado da evolução transcende até mesmo a existência consciente e, por isso, o chamaremos de existência superconsciente. Este estágio de desenvolvimento já foi alcançado por indivíduos há muito tempo. Cristo, Buddha e todos os grandes mestres que o mundo produziu atingiram aquele estado. Toda a humanidade está se aproximando disso inconscientemente. Mas será tal estágio possível, onde a evolução atingirá sua conclusão? A Vedanta diz que sim. Toda evolução pressupõe uma involução. Admitir uma cadeia interminável dela seria conceber o movimento em linha reta, o que a ciência moderna provou ser impossível. Mas o que levaria à sociedade eras e eras para alcançar, indivíduos podem alcançar mesmo nesta vida — e já o alcançaram, como prova a história religiosa do mundo. Pois o que são todas as Bíblias [escrituras sagradas] senão registros das experiências de homens que atingiram aquele estágio? Examine-as e leia entre as linhas, e você descobrirá que o mesmo estágio que a Vedanta expressa no famoso aforismo “Tu és aquele oceano infinito de Conhecimento e Bem-aventurança” (*Tat tvam asi*), é o que Buddha expressou como atingir o *Nirvana* (estado perfeito), Cristo como “tornar-se perfeito como o Pai no Céu”, e os sufistas muçulmanos como “tornar-se um com a Verdade”. A Vedanta afirma que esta ideia da unidade do homem com o Divino, que a verdadeira natureza dele é infinita e perfeita, pode ser encontrada em todas as religiões, dentro ou fora da Índia; apenas em algumas a ideia é expressa através de mitologia e simbolismo. Ela afirma que o que um homem ou alguns homens alcançaram há muito tempo é a herança natural de todos os homens, e cada um o alcançará cedo ou tarde. Portanto, o homem, segundo a Vedanta, é divino, e tudo o que é forte, bom e poderoso na natureza humana é a expressão da divindade dentro dele.

Nesta existência superconsciente está a base de toda a ética. Tentativas foram feitas nos tempos atuais para encontrar uma base permanente de moralidade dentro do relativo sem sucesso. Cada um de nós sente dentro de si que moralidade, altruísmo e fazer o bem aos outros são bons, e sem isso, nem o indivíduo nem a nação podem se desenvolver. Até mesmo homens fora de qualquer religião os defendem com base utilitarista, dizendo que devemos fazer o que traz o maior bem ao maior número. Mas se perguntarmos: Por que devemos fazer isso? Por que devo ver meu irmão como a mim mesmo e não tentar garantir o maior bem apenas para mim, mesmo ao custo de todos os outros, nenhuma resposta plausível é dada. A resposta que a Vedanta dá a esta pergunta é que você e eu não estamos separados deste universo. É por engano que nos consideramos entidades distintas e desconectadas, independentes umas das outras. Toda a história, toda a ciência mostram que é exatamente o oposto: que este

universo é um todo conectado, olhe-o do exterior ou do interior. Não há quebra no oceano externo da matéria, no qual nossos corpos representam apenas tantos pontos diferentes. Por trás do externo, há aquele vasto oceano de mente, no qual nossas mentes representam apenas tantos redemoinhos diferentes — e por trás disso está a Alma, o Ser, o Absoluto e Perfeito. Tudo na vida humana aponta para essa unidade. Nosso amor, nossa simpatia, bondade e fazer o bem aos outros — tudo isso são apenas expressões, conscientes ou inconscientes, dessa unidade do homem com o universo. Consciente ou inconscientemente, todo homem a sente; consciente ou inconscientemente, ele tenta expressá-la, que ele é uno com o Ser Universal e, como tal, toda alma e todo corpo é Seu corpo — que, ao ferir os outros, ele fere a si mesmo, e ao amar os outros, ama a si mesmo.

Isso levanta uma questão sutil, mas infundada. Perderemos nossa individualidade quando atingirmos o estágio superconsciente, o ponto mais alto da evolução? A Vedanta questiona, por sua vez: Somos indivíduos, no sentido próprio do termo? A individualidade se refere ao elemento mutável no homem ou à essência imutável nele? Você aplica o termo individualidade ao corpo e à mente do homem, que mudam a cada minuto? Se sim, não há motivo para a pergunta anterior, já que perdemos ou mudamos nossa individualidade a cada minuto de nossa existência. Pense nas grandes mudanças que cada um de nós sofreu desde que nascemos. Pense na transformação do perverso quando se torna um membro virtuoso da sociedade, ou do homem primitivo quando se civiliza — ou na grande mudança da individualidade bárbara quando, através da evolução, a forma macaco se transforma em forma humana. Lamentamos a mudança de individualidade nesses casos? Vedanta diz: “Ao desenvolver sua individualidade, você ascende a um ponto onde se torna um indivíduo perfeito.” Você troca sua individualidade aparente atual por uma verdadeira e melhor. O processo de evolução vai da ausência de lei através da lei para além da lei, do inconsciente através do consciente para além do consciente. Nossa existência consciente, onde cada ação é acompanhada por um sentimento de ego, não cobre toda nossa existência. Durante o sono ou executando ações automáticas, não há sensação de ego — e ainda assim existimos, embora entrarmos em um estágio abaixo e inferior ao consciente.

No estágio mais alto de desenvolvimento, também não há sensação de ego — mas é infinitamente superior ao consciente. Superficialmente, os estágios mais alto e mais baixo podem parecer iguais, mas a diferença entre eles é como entre a escuridão por falta de luz e a escuridão por excesso de luz, conhecida na ciência como polarização de luz. Um homem iletrado e ignorante entra [nesse estado superconsciente] e sai um sábio, profeta, grande vidente. Ele descobre em si a fonte eterna de todo conhecimento e poder; encontra o reino dos céus dentro de si. “Para ele”, dizem os *Vedas*, “todas as dúvidas (e desejos) se desvanecem, todos os nós egoístas do coração se rompem, e a cadeia infinita de causa e efeito desaparece para quem atinge o Supremo.”

Este alcançar a existência superconsciente tem sido descrito em muitas religiões como ver, realizar e sentir Deus. O rápido avanço da razão provou sem dúvida que

todas as nossas ideias de Deus são perfeitamente antropomórficas, que estamos criando nosso próprio Deus e adorando, e prestando reverência à nossa própria representação mental. Qual é, então, a necessidade de adorar Deus? Por que eu adoraria minha própria criação mental? A história da evolução mostra como a ideia de Deus cresce e se desenvolve com o crescimento do homem. Do baixo, do fetichismo e animismo, ele chega ao politeísmo e daí ao monoteísmo. Sugerido por seus próprios sonhos, ou pelo amor a seus ancestrais mortos, ou pelas forças estupendas da natureza, a ideia de uma existência futura surge em sua mente infantil, e ele tenta espreitar por trás da cortina dos sentidos. Como, em sua busca pelo suprassensorial, ele avança gradualmente através dos estágios de culto aos ancestrais e adoração da natureza, até o reconhecimento de muitos espíritos ou deuses por trás de todas as diferentes forças poderosas da natureza e, por fim, como ele chega à concepção de um governante supremo à frente desses diferentes deuses e presta sua homenagem a Ele. A razão dirá que, embora essa adoração do suprassensorial tenha sido uma grande força motriz para trazer à tona seus poderes e desenvolver sua mente, ainda assim, todo esse tempo ele tem adorado suas próprias criações mentais e, agora que seus olhos foram abertos, ele deveria descartar todas essas ideias equivocadas de Deus. A Vedanta não nega que todas essas diferentes ideias de Deus são antropomórficas, mas pergunta, por sua vez: não são todas as nossas ideias do externo assim? Podemos alguma vez conhecer o mundo senão como nossa mente o representa para nós? E a ciência já não provou que os sentidos são enganosos e nunca podem conhecer as coisas como elas são? Portanto, se é razoável rejeitar todas as nossas ideias de Deus porque são antropomórficas, também é razoável jogar fora qualquer outra ideia da mente, mas quantos de nós estão dispostos a fazê-lo e têm o poder de fazê-lo?

E, novamente, embora tudo o que conhecemos de qualquer coisa seja apenas o que nossa mente o representa, ainda assim isso nos ajuda a nos desenvolver e a nos elevar cada vez mais. Por fim, o que a Vedanta tem a dizer sobre este ponto é que o homem não está errado ou enganado ao adorar todas essas diferentes ideias de Deus — apenas ele tem viajado de verdades mais baixas para mais elevadas. Seu progresso neste mundo não é do erro para a verdade, mas de verdades cada vez mais inferiores para outras cada vez mais superiores. Tudo neste mundo, até mesmo a própria verdade, é relativo. O que é verdade para um estado de coisas ou um plano de existência não é verdade para outro estado ou outro plano, e as diferentes ideias de Deus nada mais são do que diferentes visões do Absoluto, do Infinito, vistas a partir de diferentes planos do relativo. Suponhamos, por exemplo, que façamos uma viagem ao sol: nossa visão do sol muda a cada minuto enquanto avançamos. A cada passo à frente, vemos uma visão cada vez mais nova do mesmo sol. O sol, que parecia um pequeno disco brilhante, torna-se cada vez maior até que, finalmente, quando alcançamos o próprio sol, o vemos em sua totalidade. Conhecemos o sol como ele é. O sol não mudou em momento algum, mas nossa visão dele mudou até que, por fim, obtivemos a visão completa do astro luminoso. Este é o progresso do homem em direção ao Infinito. Sua visão do Infinito nunca se tornou perfeitamente nula, mas, devido às limitações de seus sentidos, seu intelecto e tudo mais, ele vê apenas um

pequeno fragmento do Infinito, e isso com suas próprias faculdades limitadas. À medida que ele cresce, essas limitações se tornam cada vez menores, e ele vê o Infinito cada vez melhor, até que, por fim, todas as suas limitações se dissipam como névoas diante do sol nascente, e ele apreende o Infinito em sua totalidade; ele descobre em si mesmo o oceano infinito de Conhecimento e Bem-aventurança.

Isso foi expresso de forma belíssima nos Vedas: ‘Dois pássaros de plumagem dourada e brilhante, companheiros inseparáveis um do outro, pousam na mesma árvore — um nos ramos mais altos e o outro nos mais baixos.’ O pássaro superior, sem se importar em provar os frutos doces e amargos da árvore, permanece majestoso em sua própria glória e observa o inferior saboreando os frutos. Quando o pássaro inferior experimenta o gosto amargo do fruto da árvore, enche-se de desgosto e olha para a visão esplêndida acima dele, do pássaro superior, e aproxima-se dele. Novamente, ele esquece a visão gloriosa, atraído pelo amor aos frutos da árvore, e continua a saboreá-los como antes — até provar outro fruto amargo. Mais uma vez, o desgosto o toma, e ele avança um pouco mais em direção à brilhante visão diante de si. Assim, ele progride, até que, por fim, ao alcançar o pássaro superior, toda a visão se transforma, e ele descobre que sempre foi o pássaro superior, que ali permanecia, todo esse tempo, em esplendor e majestade.

Sendo o objetivo o mesmo em todas as religiões, a Vedanta não tem conflito com nenhuma. Ela vê todas as diferentes religiões como caminhos diversos para alcançar aquele único e indivisível oceano de Conhecimento e Bem-aventurança. “Assim como os diferentes rios, nascidos em diversas montanhas, descem por caminhos tortuosos ou retos e finalmente mergulham no oceano — todas essas variadas crenças e religiões, partindo de diferentes pontos de partida e seguindo por cursos sinuosos ou diretos, por fim chegam a Ti, ó Senhor!” A Vedanta não condena ninguém, pois não vê o homem como ele é no momento presente, mas como ele verdadeiramente é. Ensina que, cedo ou tarde, todo homem descobrirá sua natureza real e se conhecerá como a fonte de todo conhecimento, poder e felicidade. Queira ou não, todo homem avança para isso através de cada ato que pratica aqui. O trabalhador, ao fazer o bem aos outros; o filósofo, ao desenvolver sua razão; o devoto, ao refinar e dirigir suas emoções — todos, todos alcançarão o plano superconsciente, o estágio mais alto de desenvolvimento. E se um homem for ateu ou agnóstico? A questão é: ele é sincero e está disposto a sacrificar-se pelo bem dos outros e pela verdade que conhece? A Vedanta diz que não há temor para ele. Ele chegará a verdades cada vez mais elevadas e, por fim, atingirá a suprema. Permita infinita variação no pensamento religioso. Siga o seu próprio caminho, mas não tente conduzir todos à mesma opinião. Isso jamais será possível, pois não é a unidade na diversidade a lei da natureza? E não é o objetivo o mesmo, ainda que os caminhos sejam diferentes? Não tome a si mesmo como padrão para o universo, mas saiba que a Unidade forma o alicerce deste cosmos, e qualquer que seja o caminho que o homem percorra, por fim, ele chegará a ela.

• • • •